

A sabedoria popular do cerrado goiano: os raizeiros na cidade de Anápolis/GO

Jael Flávia de Paiva Araújo*

Poliene Soares dos Santos Bicalho**

Resumo

A cultura e a natureza fazem parte da vida de todos os seres humanos. Com a cultura o indivíduo ganha uma identidade e começa a se sentir como parte do meio social em que está inserido; e a natureza faz parte desse meio. Estudando os aspectos naturais podemos entender o que é usado na alimentação, no material das moradias e como elas foram feitas para suportar as agressões naturais do tempo, onde foram construídas, e, principalmente, as narrativas de cura. Nas mais diversas sociedades, a sabedoria inerente aos remédios naturais e a sua eficácia é passada de geração a geração, e na nossa sociedade não é diferente, aprendemos com nossos pais e avós quais plantas podem fazer bem para a saúde. Neste ínterim, há aqueles que aprenderam com seus antepassados os segredos destas plantas e com elas ganham a vida, eles são os raizeiros. Na cidade de Anápolis/GO percebemos que o crescimento urbano afetou a propagação dos saberes populares dos raizeiros, gerando graves consequências.

Palavras-chaves: Raizeiros; história e natureza; sabedoria popular.

WISDOM POPULAR GOIANO CLOSED: THE HEALERS IN THE CITY OF ANÁPOLIS/GO

Abstract

The culture and nature are part of life to all human beings. The culture makes the individual gains an identity and it begins to feel like part of the social environment. The nature is part of that environment. Studying the

* Graduada em História e discente da Especialização Lato Sensu em Linguagens e Educação Escolar (LEE) pela Universidade Estadual de Goiás (CCSEH/UEG). E-mail: jaelfpa@hotmail.com.

** Doutora em História Social pela Universidade de Brasília (PPGH/UnB). Pós-doutora em Antropologia social pela Universidade de Brasília (PPGAS/UnB) e docente do curso de História e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás (CCSEH/UEG). E-mail: poliene.soares@hotmail.com.

natural aspects we can understand what is used in the food, the material of the shelters and how they were made to bear, where it was built, and especially the healing narratives. In several societies, the wisdom of natural remedies and their effectiveness is passed thru generations, and our society is no different, we learn from our parents and grandparents which plants is good for health. In this there are, those who learned from their ancestors the secrets of these plants and how they make a living, they are the healers. In the city of Anápolis in state of Goiás, you can see that urban growth has affected the spread of popular knowledge of healers, causing severe consequences.

Keywords: healers, history and nature, popular wisdom.

Introdução

Todos os seres vivos constituem parte integrante do meio e estabelecem relações para se manterem vivos. Por isso, se faz necessário investigar e examinar o contato dos homens com a natureza e com o ambiente de forma geral. Ecologia e Etnobotânica são, respectivamente, áreas da Biologia que ajudam a compreender o meio ambiente e a flora que nele se desenvolve, cujo meio é extremamente decisivo para a vida dos seres humanos. A História busca analisar o passado e o presente do ser humano, logo, a História Ambiental visa explicar as relações entre o ser humano e o meio ambiente.

Ecologia, segundo Walter (2006), é a ciência que trata das relações dos organismos e o seu ambiente. A partir dela, é possível compreender quais são as peculiaridades de um ecossistema, quais são as espécies animais e vegetais que vivem em suas instâncias e o período que lá se encontram. Também é possível compreender a manutenção dos ecossistemas para se adaptarem ou os motivos que geram a sua destruição. A Ecologia não se restringe apenas ao estudo da flora e da fauna, mas de todas as circunstâncias que influenciam nas condições de vida. Já a Etnobotânica, por sua vez, é o estudo que contribui para a preservação e a conservação da biodiversidade. Esta ciência visa a contribuir com o desenvolvimento sustentável e valorizar o conhecimento de sociedades locais sobre a flora e a fauna, os significados e a utilização destes recursos naturais (LIMA, 2013, p. 12).

A área de História Ambiental se expandiu recentemente, a partir da crise de paradigmas que perdurou após a Guerra Fria. As reflexões teóricas da historiografia, ao lado das indagações sobre novas fontes e a relação com técnicas de pesquisas inovadoras,

criaram o ambiente seguro para a expansão de um tipo de História que, mesmo que voltada ao homem, investigava a natureza. Desta forma, Martinez destaca:

[...] Toda História é, sempre, filha do seu tempo. A História Ambiental é mais do que a simples vontade e a intenção do conhecimento dos historiadores. Ela consiste na busca de respostas diante de uma realidade histórica e concreta na vida cotidiana no século XXI, precedida e marcada pelas problemáticas do meio ambiente surgidas nos últimos cinquenta anos. (2011, p. 24)

No Brasil, a História Ambiental se desenvolveu principalmente na década de 1990, com novos historiadores, destacando Paulo Henrique Martinez, José Augusto Pádua, Regina Horta Duarte, entre outros. Mas, por se tratar de uma nova área do conhecimento, boa parte dos estudos ficou restrita às regiões da Floresta Amazônia e da Mata Atlântica.

A História Ambiental analisa os efeitos do tempo e da ação humana na natureza, de modo que a sua importância é comparável a de qualquer outra metodologia ou fonte histórica. Nas árvores, rochedos e rios o tempo deixa as suas marcas, assim como nos traçados nos quais as civilizações se desenvolvem. Paulo Henrique Martinez (2011) dividiu a História Ambiental em seis modalidades, que são: Ecossistemas e biomas, unidades de conservação, história da colonização, iconografia, meio ambiente e saúde e, por último, escala local.

O estudo dos raizeiros do Cerrado, segundo esta divisão de Martinez (2011), faz parte de mais de uma modalidade, já que o início do ofício acontece durante a história da colonização, ainda com os primeiros indígenas; e depois, com os bandeirantes que tiveram que aprender a curar segundo o aprendizado dos nativos; e também com a modalidade meio ambiente e saúde, pois os raizeiros procuram a cura a partir da natureza. Mas, para entender como que, de fato, os raizeiros apreendem a natureza, há a necessidade de compreender primeiramente como funciona o ecossistema do bioma Cerrado. Portanto, este é um estudo histórico que possui contribuições da Ecologia e da Etnobotânica.

O objetivo central deste artigo é o de compreender a importância da preservação do Cerrado Goiano e do ofício dos raizeiros, a partir de análises da História e da Biologia. Para tanto, é necessário observar os laços que os raizeiros e raizeiras possuem com o bioma Cerrado e analisá-los sob uma perspectiva histórica, ou seja, o surgimento do ofício, com grupos indígenas e quilombolas, até a atualidade. Deve-se também entender quais

produtos, além de raízes, são utilizados pelos raizeiros goianos, e como estes produtos são encontrados pelos raizeiros que os comercializam em Anápolis/GO. E, por fim, refletir sobre a contribuição dos usos das plantas para a medicina e a importância de preservar o ofício de raizeiros como Patrimônio Imaterial do povo brasileiro, pois o desaparecimento deste saber popular resultará em perdas significativas para a cultura.

Da pesquisa bibliográfica à história oral

Na primeira metade da pesquisa¹ foram valorizadas as fontes documentais e a leitura de textos de apoio elaborados por historiadores, como a *História da Terra e do Homem no Planalto Central: Eco história do Distrito Federal: Do indígena ao colonizador* (1994), de Paulo Bertran; e *Comunidade Negra do Cerrado: Narrativas de curas e remédios* (2007), de Olga Cabrera (org.) e Alexandre Martins de Araújo; além de artigos explicativos sobre os métodos da História Ambiental; e textos de apoio voltados para a análise do Cerrado, a partir do viés biológico, com leituras de autores como Leopoldo Magno Coutinho (2006; 1958; 2009) e Mário Guimarães Ferri (1955; 1958). Trabalhos de áreas afins também foram utilizados, pois as plantas medicinais do Cerrado são objeto de estudos de geógrafos, enfermeiros, farmacêuticos, médicos e fisioterapeutas.

Os saberes dos raizeiros do Cerrado são transmitidos por meio da oralidade, não há muitos documentos escritos que transmitem ou simplesmente registrem este saber. Entre esses documentos destacam-se os de viagem, como a *História da Província Santa Cruz*, de Gandavo (2008); e o *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, de Gabriel Soares de Sousa (2010). Já nos documentos contemporâneos, a pesquisa dialogou constantemente com a *Farmacopéia Popular do Cerrado* (2010), projeto da Articulação Pacari², coordenado por Jaqueline Evangelista Dias e Lourdes Cardozo Laureano.

Na segunda metade do projeto houve o preparo e o desenvolvimento da parte empírica e a sua interpretação e aprofundamento à luz das leituras prévias e as

¹ Este artigo é parte dos resultados obtidos no plano de trabalho "O Uso de Raízes do Cerrado: Um encontro entre saberes e natureza", inerente ao projeto de pesquisa "Diversidade e Biodiversidade do Cerrado: Expectativas e alternativas para o futuro", coordenado pela prof^a. Poliene Soares dos Santos Bicalho, apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Este projeto é uma iniciativa do Ministério do Meio Ambiente, e nasceu a partir da criação do Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos que tem como finalidade definir instrumentos que auxiliem na utilização segura, tanto para a saúde quanto para o meio ambiente, de conhecimentos tradicionais. Esta utilização segura também busca proteger o saber dos raizeiros a partir do tombamento do ofício pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (DIAS; LAUREANO, 2009).

subsequentes. Nesta etapa, foram elaborados questionários com perguntas abertas, a fim de que o entrevistado pudesse ter liberdade para interpretá-las e responder de acordo com o seu ponto de vista, isso porque nas “questões abertas, os respondentes ficam livres para responderem com as suas próprias palavras, sem se limitarem a escolha de um rol de alternativas [...]” (CHAGAS, 2000, p. 6). Para Triviños (2000), as pesquisas qualitativas não são um mero instrumento de coleta de dados, já que o seu principal objetivo é a coleta de informações cedidas pela vontade e iniciativa do respondente.

Segundo Mattar (1994), citado por Chagas (2000), este tipo de questionário estimula a cooperação do entrevistado, pois pode dar mais informações significativas que as questões fechadas e exigem menos tempo de elaboração. Em contrapartida, o entrevistado pode fornecer respostas que não são claras, ou seja, dúbias ou confusas, as análises podem ser apresentadas de maneira subjetiva, o que dificulta o trabalho de codificá-las quantitativamente; além do mais, o entrevistado pode fugir do assunto ou se recusar a responder por se tratar de um modelo de questionamento mais demorado para o respondente; e ainda: “Quando feitas através de questionários autopreenchidos, esbarram com as dificuldades da maioria das pessoas, e mesmo com a ‘preguiça’ de escrever” (CHAGAS, 2000, p. 7).

Os viajantes e as plantas medicinais

Não há muitos documentos que explique quem foi Pero de Magalhães de Gandavo³, mais conhecido por apenas Gandavo, que, na verdade, é o nome que se dá a quem nasce em Guantes, Flandres. No quinto capítulo de seu relato: *DAS PLANTAS mantimentos e frutas que há nesta província*, Gandavo documenta aquelas plantas de "cuja virtude e fruto participam os portugueses" (GANDAVO, 2008, p. 87). Entre elas estão a mandioca, pelos benefícios alimentares e pelos riscos da espécie venenosa cultivada em São Vicente. Também ressalta que nas terras brasileiras há muito arroz, milho zaburro e uma grande diversidade de favas e legumes. Há frutas como a banana, que parecem com pepinos, mas que crescem em cachos. Outras frutas citadas são os cocos das sapucaias, os

³Segundo os documentos da Biblioteca Lusitana, Gandavo era natural de Braga, trabalhou como copista na Torre do Tombo e na câmara de Dom Sebastião. Teria vindo para o Brasil escrever um livro, o relato *História da Província de Santa Cruz de 1576*, e que, em seguida, voltou para Portugal. Após a publicação, as cópias deste relato foram recolhidas e destruídas por motivos ainda desconhecidos.

ananases, os cajus, entre outras. Em relação às plantas medicinais, Gandavo (2008) relata os efeitos terapêuticos da copaíba da seguinte forma:

Um certo gênero de árvore há também pelo mato dentro da capitania de Pernambuco a que chamam copaíbas de que se tira bálsamo mui salutífero e proveitoso em extremo para enfermidades de muitas maneiras, principalmente nas que procedem de frialdade, causa grandes efeitos e tira todas as dores por graves que sejam em muito breve espaço. Para ferida ou quaisquer outras chagas, tem a mesma virtude; as quais tanto que com ele lhe acodem, saram mui depressa, e tira os sinais de maneira, que de maravilha se enxerga onde estiveram, e nisto faz vantagem a todas as outras medicinas. Este óleo não se acha todo ano perfeitamente nestas árvores, nem procuram ir buscá-lo, senão no estio, que é o tempo em que assinaladamente o criam (...) (GANDAVO, 2008, p. 92-93).

Além da Copaíba, Gandavo (2008) cita outras plantas medicinais que, desde os primórdios da colonização, foram utilizadas pelos exploradores, elas são: a caboraíba, encontrada na capitania do Ilhéus e do Espírito Santo; e a obirá paramaçaci, encontrada na capitania de São Vicente. Importante observar que os portugueses aprenderam a utilizar estes recursos, segundo Gandavo, com os nativos, tanto que as nomeações dos produtos continuam sendo aquelas cedidas pelos indígenas.

Gabriel Soares de Sousa (2010) foi um viajante português que chegou ao Brasil por meio das Índias Orientais. Em sua obra documenta as seguintes plantas medicinais: embaíba, caraobuçu, caraobamirim, almécega, cuipeba, erva santa, pino, giticusu, pecacuem, açafraão, jaborandiba, tararucu ou fedegoso, caapeba, gaxima ou tanchagem, peipeseba, entre outras. A necessidade dos portugueses conhecerem os benefícios de cura das plantas nativas se dá por meio da transculturação⁴. Ao conhecer as plantas do *Novo Mundo*, as compara com as plantas que já eram conhecidas na Europa ou nas Índias Orientais.

Gandavo (2008) e Gabriel Soares de Sousa (2010) percorreram áreas de predomínio do Cerrado e também teve contato com espécies do domínio morfoclimático que se adaptaram a outras regiões, como a Mata Atlântica e a Caatinga, por intermédio dos povos nativos e, da mesma forma, há muitas espécies de outros domínios que se adaptaram ao Cerrado. O Cerrado, atualmente, compreende os estados de Minas Gerais, Goiás,

⁴ Transculturação, segundo Ortiz (2001), é a mistura intensa de culturas em um mesmo local, que, por meio do contato direto e indireto, se conjugam e sobrevivem. Para o autor, o termo transculturação é mais bem aceito em relação ao de aculturação, que indica o fim de uma cultura em contato com outra; enquanto a noção de transculturação propicia não propriamente o fim, mas o ressignificar de culturas diferentes postas em contato, por um ato de imposição ou não.

Tocantins, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Bahia, Piauí, Rondônia, Paraná, Maranhão e pequenas áreas do Amapá, do Amazonas e de Roraima. Cerrado, segundo Leopoldo Coutinho (2006), é um domínio morfoclimático e fitogeográfico, ou seja, possui climas tropicais de caráter subúmido, com uma estação seca e uma estação chuvosa, a sua vegetação possui uma grande variação de tipos fisionômicos, e os predominantes são: campestre ou campo limpo, florestal e savânico ou campo sujo.

Conhecendo melhor o cerrado

O espaço sofre as suas modificações, a biota⁵ e o bioma⁶ mudam, e o ecossistema⁷ não é mais o mesmo. O ser humano reage não apenas de forma biológica, mas também cultural. Os hábitos e os valores têm influências e modificam a realidade local, a partir dos desejos que abrangem a sociedade, ocasionando transformações inevitáveis ao longo da história. Duarte afirma esta concepção, reforçando os laços entre homem e natureza, da seguinte forma:

[...] os homens já construíram sentidos diversos para o que ele chama de natureza e certamente essa palavra nem sempre designou as mesmas coisas. Não que o mundo natural seja uma mera invenção humana [...]. Mas os sentidos dados a ela são criações culturais pelas várias sociedades ao longo do tempo e nas mais diversas partes do mundo. (2005, p. 78)

Em algumas culturas a natureza é um bem sagrado. Em outras, como a nossa, marcada pela modernização da agricultura, pela expansão da pecuária e a extração mineral, a natureza é uma fonte de riqueza material. Por outro lado, o que não é significativo para a grande maioria dos modernos desbravadores é que todo ambiente precisa manter o seu equilíbrio, pois se trata de um bem esgotável, ou seja, que tem um limite de exploração. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2015), a região do Cerrado abrange uma área de aproximadamente 2.036.448 Km², compreendendo 23,92% do espaço brasileiro e 97% do território goiano. De acordo com estes dados, o Cerrado é o segundo maior ecossistema brasileiro, abrigando mais de 4.400 espécies vegetais exclusivas, 837 espécies de aves, 67 gêneros de mamíferos, 120 espécies

⁵ Conjunto de seres animais e vegetais nativos de uma região (GRISI, 2007).

⁶ Grande comunidade, ou conjunto de comunidades distribuídas numa grande área geográfica, caracterizada por um tipo de vegetação dominante (GRISI, 2007).

⁷ Estrutura do meio ambiente e sua consequente adaptação, assim como os processos tecnológicos ou os sistemas de organização social que possam acarretar para as condições de humana (GRISI, 2007).

de reptéis e 150 espécies de anfíbios. Para Eiten (1993), citado por Valente (2006), o Cerrado detém 5% da flora e da fauna mundiais e 1/3 da biota⁸ brasileira. É o segundo maior conjunto de animais do planeta, com uma riqueza de aproximadamente 160.000 espécies.

Para Valente (2006), o Cerrado está sendo altamente desmatado. Segundo o autor, é possível que até 2.030 sobreviva apenas 5% da região ainda existente, sendo que destas, em apenas 43% as regiões de Cerrado estão mantidas, localizadas em áreas de preservação permanentes (10%), Unidades de Conservação (5%), propriedades particulares (21%) e terras indígenas (7%).

Os raizeiros da cidade de Anápolis/GO

Neste meio ambiente o saber popular, vinculado à cura, predominou através de raizeiros e benzedeiros. Estes ofícios são repassados de pais para filhos através da oralidade. A oralidade é, em sua essência, um recurso que permite a perpetuação da memória, e é esta memória que vai permitir que cada indivíduo sinta o desejo de pertencimento cultural e social (POLLACK, 1989). As memórias coletivas e individuais, segundo Pollack (1989) e Halbwachs (2006), são as responsáveis pela formação da identidade do indivíduo. No caso dos raizeiros, o ofício depende tanto da cultura quanto da natureza, sendo os dois elementos fundamentais para a formação destas pessoas. Para Halbwachs (2006), identidade coletiva é aquela que “recompõe magicamente o passado” (p. 7), já a memória histórica é aquela que reinterpreta o passado a partir do entendimento do presente. O projeto de criar uma *Farmacopéia Popular do Cerrado*, da Articulação Pacari, é um exemplo de entrecruzamento destes tipos identitários e de memórias de povos distintos, raizeiros, indígenas e quilombolas, que compartilham o Cerrado⁹.

⁸ Conjunto de seres animais e vegetais nativos de uma região (GRISI, 2007).

⁹ Este projeto percorreu Goiás, Minas Gerais, Tocantins e Maranhão. Em Goiás foram identificadas as seguintes plantas de uso comum: “açoita cavalo, algodãozinho, amarelinha, angico, araticum cagão, araticum marolo, arnica, aroeira, assapeixe, azedinha, azeitona preta, babaçu, bacupari, barbatimão, barba de bode, baru, baunilha, bico de tucano, buriti, cabeça de perdiz, cabo verde, cainca, cagaita, cajuzinho, calunga, canela de ema, cansação, capim meloso, capim navalha, capim reis, capitão, carapiá, caroba, carobinha, carrapicho, catuaba, chá de frade, chapadinha, chapéu de couro, cigarinha, cipó balsamo, cipó cabeludo, cipó chumbo, cipó de fogo, cipó faleira, cipó maravilha, cipó moela de frango, cipó parreira, cipó prata, cipó são joão, cipó suma, cipó unha de gato, congonha de bugre, coquinho baboso, coquinho de santo antônio, cravinho, cruzeiro de são pedro, curriola, douradão, douradinha, erva de passarinho, esporão de galo, faveiro ou fava de arara, fedegoso, gabirola, galinha arrupada, gervão, goiabinha do campo, gonçalo alves, gravatá, grvideira ou feijão cru, guapeva, guatambu, imbaúba, imbé, imburana, impossível, indaiá, infalível, ipê amarelo, ipê branco, ipê-roxo, jaborandi do cerrado, jalapa, japecanga, jatobá, jequitibá, jurubebinha do campo, joão da costa, lixeira, lixeirinha, lobeira, macaúba, mamacadela, maminha de porca, manacá, mandioquinha, mangaba, maria podre, marmelada, marmelada branca, maruleite, milome, moleque-duro, moreira, mulungu, murici, negramina, nó de

A cidade de Anápolis/GO também possui a sua relação com as plantas medicinais do Cerrado. Na região central da cidade, na extensão da Rua Rui Barbosa, entre as esquinas com a Rua Engenheiro Portela e a Rua General Joaquim Inácio, quatro raizeiros (R1, R2, R3, R4) permitiram que o seu saber fosse utilizado nesta pesquisa. Dados importantes foram levantados nestes questionários. Primeiramente, todos fazem parte de uma mesma família. A idade variava entre dezenove e quarenta e três anos. O segundo dado, muito importante, é que dos quatros, apenas um é da cidade, a raizeira R4, o restante é de São Miguel do Araguaia/GO. Apesar de estes raizeiros pertencerem à mesma família, em muitos momentos, responderam diferentemente um do outro aos questionamentos e, em algumas perguntas, as respostas tinham sentidos antagônicos. Dos quatros raizeiros três trabalham no ofício regularmente e apenas R1 trabalha esporadicamente, substituindo a mãe, que também é raizeira.

Uma das hipóteses levantadas sobre o porquê de Anápolis possuir muitos raizeiros de outras cidades e poucos da localidade se dá, primeiramente, pelo crescimento urbano acelerado da cidade, o que destruiu as camadas vegetais e impediu que plantas medicinais fossem coletadas na natureza; além do pequeno espaço dos loteamentos, em sua vasta maioria cimentados, que impede também que seja feito o plantio destas plantas, predominando apenas aquelas de uso geral, como ervas comuns em chás. A outra hipótese que complementa a primeira é a grande concentração de farmácias na cidade, tidas como serviços fundamentais por Garcia (2012).

Garcia (2012) também indicará a forte influência das indústrias farmoquímicas do Distrito Agroindustrial de Anápolis (DAIA). Segundo os dados do autor, o número de contratados nas indústrias deste complexo em 2011 (43,6% dos empregos da cidade) é superior aos números das três maiores regiões da cidade somadas (Jaiara 4,7%; Jundiá 9,8%; Setor Central 25,9%). Mas a utilização dos medicamentos naturais não desapareceu por causa da forte industrialização, ainda há uma clientela específica que acredita na cura dos remédios naturais e no saber popular em contraposição aos remédios de laboratórios, os quais acreditam possuir muita química, o que prejudica a saúde (PEIXOTO *et al*, 2013).

cachorro, nó de porco, pacari, pata de vaca, pau d'óleo, pau manco, pau santo, pé de perdiz ou minuano, pequi, piãozinho, pimenta de macaco, porrete malina, quina amargosa, quina doce, rabo de tatu, roseta, ruibarbo, sabão de bugre, sangra d'água, sangue de cristo, sassafraz, sene do campo, sete sangrias, sete folhas, sofre dos rins quem quer, sucupira, sussumaré, taia do campo, tapuia do campo, tiborna, tingui, tiú, velame branco, velame amarelo, velame vermelho, veludo, vergatesa e vinhático." (DIAS; LAUREANO, 2009, p. 185-186).

Entre as informações contraditórias apresentadas pelos raizeiros a principal diz respeito à época do ano em que estas plantas são encontradas na natureza. Alguns disseram ser o ano inteiro, enquanto R3 respondeu que “só em maio e julho em agosto não colhe porque esta começando a chover”, R2 afirmou o oposto: “Na época da chuva. Porque com o sol quente as folhas e as flores caem ficando difícil de achar no campo”. Com estas respostas, fica claro que as Plantas Medicinais que não são compradas por um fornecedor, como eles responderam, são colhidas. As observações sobre as estações variam entre eles, podendo ter sido direcionadas a um tipo de planta específico. Algumas das plantas vendidas e seus benefícios, segundo R2, são as seguintes: Pé de perdiz, para infecção de urina; manacá, reumatismo e gota; jurubebinha, fígado; e para o estômago, mama cadela, depurativo do sangue; algodãozinho, infecção dos rins e infecção de urina.

Os raizeiros negaram conhecer mitos ou superstições sobre seus produtos e também negaram que seus produtos fossem tóxicos, R4 ainda explicou que “Se usar em excesso pode ser sim venenosa. Porque raízes são fortes”. De fato, eles trabalham sim com plantas tóxicas, que podem dar a falsa sensação de cura, como a buchinha (*Luffa operculata*), que alivia as dores da sinusite irritando as fossas nasais, e, ao provocar espirros, podem descongestioná-las, mas não irá sarar a enfermidade causada por vírus, fungos ou bactérias (MENON-MIYAKE *et al*, 2005).

O conhecimento acadêmico-científico deve contribuir, analisando e preservando este saber popular, e, para tanto, é preciso conhecer estas práticas milenares de cura e valorizar estas culturas. Pois, somente assim será possível conhecer a verdadeira contribuição que a natureza pode legar ao ser humano.

Considerações finais

Os raizeiros constituem um grupo que, em sua grande maioria, transmite o seu saber por meio da oralidade. Por esta configuração, a memória é transmitida para as futuras gerações, que dão continuidade ao ofício. Ao historiador cabe a tarefa de transformar esse saber transvertido de memórias em história, por meio de seus estudos. A partir desta pesquisa, além de compreender o saber popular, buscamos entender o processo de esquecimento das práticas populares, mediante ao fato de que os costumes são afetados diretamente pelo capitalismo, através da comercialização das raízes como

medicamentos alternativos. E, por fim, pode-se ter uma melhor dimensão sobre o Cerrado Goiano, de como estão apresentados os raizeiros na cidade de Anápolis/GO; além de conhecer algumas características de seus trabalhos.

Como resultados da pesquisa, apresentados neste artigo, observamos a relação que os raizeiros possuem com o Cerrado, que é fundamental para a manutenção deste ofício. É notório que este saber está, aos poucos, desaparecendo, principalmente nos núcleos urbanos que estão em crescimento constante, não restando locais para que as plantas medicinais sejam cultivadas. O risco de desaparecimento deste saber popular estimulou o Ministério do Meio Ambiente e o Ministério da Saúde a organizar projetos de proteção e valorização dos mesmos, tomando medidas principalmente contra a biopirataria. Mas, mesmo assim, as políticas que apoiam o saber popular são frágeis e ainda cabem muitos avanços, no sentido de que a maneira como o assunto é tratado pelas autoridades competentes, e pela própria sociedade, alcance um plano próximo ao ideal.

Referências

ARAÚJO, Alexandre Martins de; CABRERA, Olga (organização e apresentação). *Comunidade negra no cerrado: narrativas de curas e remédios*. 1 edição. Goiânia: CECAB/UFG, 2007.

BARBIERI, José Carlos; VASCONCELOS, Isabella Freitas Gouveia de; ANDREASSI, Tales; VASCONCELOS, Flávio Carvalho de. "Inovação e Sustentabilidade: novos modelos e proposições". In: *RAE-Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 50, nº 2, abr./jun, 2010. (p. 146 - 154) ISSN 0034-7590

BARBOSA, Altair Sales. "Saiba mais sobre o Cerrado". Disponível em: <<http://www.pucgoi.as.edu.br/hidasi/home/secao.asp?id_secao=303&id_unidade=1>> Acessado em 03/09/2014, às 21h44min.

BATALHA, Marco Antônio. O cerrado não é um bioma. In: *Biota Neotropica*, v. 11, nº 1, p. 1-4, 2011.

BRASIL. *Decreto nº 5.813*, de 22 de junho de 2006.

BRASIL. *Medida Provisória nº 2.186-16*, de 23 de agosto de 2001.

CHAGAS, Anivaldo Tadeu Roston. O questionário na pesquisa científica. In: *Administração on line*, v. 1, nº 1, 2000.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. *Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

COUTINHO, Leopoldo Magno. Leopoldo Magno Coutinho: Entrevista. Campinas: *ComCiência*, nº105, 2009. Entrevista concedida a Flavia Natércia.

_____. O bioma do cerrado. In: Klein, Aldo Luiz (Org.). *Eugen Warming e o cerrado brasileiro: um século depois*. São Paulo: Editora Unesp, p. 77-91, 2000.

_____. O conceito de bioma. In: *Acta Botanica Brasilica*, v. 20, nº 1, p. 13-23, 2006.

DE FREITAS, Ana Valéria Lacerda *et al.* Os raizeiros e a comercialização de plantas medicinais em São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. In: *Revista Brasileira de Biociências*, v. 10, nº 2, p. 147, 2012.

DE QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. O catolicismo rústico no Brasil. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, nº 5, p. 104-123, 1968.

DIAS, Jaqueline Evangelista; LAUREANO, Lourdes Cardozo (coord.). *Farmacopeia popular do cerrado*. Goiás: Articulação Pacari (Associação Pacari), 2009. ISBN: 978-85-62918-00-1.

DUARTE, Regina Horta. *História & Natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FERRI, Mário Guimarães. Contribuição ao conhecimento da ecologia do cerrado e da caatinga. Estudo comparativo da economia d'água de sua vegetação. In: *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*. Botânica, v. 12, p. 7-170, 1955.

FERRI, Mário Guimarães; COUTINHO, Leopoldo Magno. Contribuição ao conhecimento da ecologia do cerrado. Estudo comparativo da economia d'água de sua vegetação, em Emas (Est. de São Paulo), Campo Grande (Est. de Mato Grosso) e Goiânia (Est. de Goiás). In: *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo*. Botânica, v. 15, p. 103-151, 1958.

GANDAVO, Pero de Magalhães. *História da Província Santa Cruz*. Organização Ricardo Martins Valle. São Paulo: Hedra, 2008.

GARCIA, Virgílio Tomas. *Dinâmicas urbanas recentes: o setor terciário, descentralização e a formação de novos pontos de comércio em Anápolis (GO)*. Brasília: Universidade de Brasília, 2012 (Geografia, Dissertação de Mestrado).

GRISI, Breno Machado. *Glossário de Ecologia e Ciências Ambientais*. 3 edição revisada e ampliada. João Pessoa: UFOP, 2007. Disponível em <<http://www.em.ufop.br/ceamb/petamb/cariboost_files/glossario_20de_20ecologia_20e_20ciencias_20ambientais.pdf>> Acessado em 27 de julho de 2015 às 19:20.

HALBWACHS, Maurice; SIDOU, Beatriz. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Vamos conhecer o Brasil: nosso território: biomas*. Disponível em <<http://7a12.ibge.gov.br/pt/vamos-conhecer-o-brasil/nos-so-territorio/biomas>> Acessado às 23:04h, do dia 05 de julho de 2015.

LIMA, Jordana Rezende Souza *et al.* *Etnobotânica no cerrado: um estudo no assentamento Santa Rita, Jataí (GO)*, 2013.

MAGALHÃES, Sônia Maria de. *Alimentação, saúde e doenças em Goiás no século XIX*. Franca: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2004 (História, Tese de doutorado).

MARTINEZ, Paulo Henrique. História ambiental: um olhar prospectivo. In: *Caderno de Pesquisa Cdhis*. Uberlândia, v. 24, nº 1, jan./jun. 2011.

MENON-MIYAKE, Mônica Aidar *et al.* Efeitos da *Luffa operculata* sobre o epitélio do palato de rã: aspectos histológico. In: *Revista Brasileira de Otorrinolaringologia*, v. 71, nº 2, 2005.

MORGAN, Lewis Henry. *A sociedade antiga*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

ORTIZ, Fernando. Do fenômeno social da transculturação e sua importância em Cuba. Trad. Lívia Freitas. In: *Antologia de Textos Fundadores do Comparatismo Literário Interamericano*. Porto Alegre: CNPq, 2001.

PADUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. In: *Revista de Estudos Avançados* [online]. 2010, volume 24, número 68, p.81-101. ISSN 0103-4014.

PEIXOTO, Terezinha de Fatima Bigiunas *et al.* Levantamento do Conhecimento Popular de Plantas Medicinais em uma Escola do Bairro Pinheirinho, Curitiba-PR. In: *Visão Acadêmica*, v. 14, nº 3, jul.-set., 2013.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Revista Estudos Históricos*, v. 2, nº 3, p. 3-15, 1989.

PORTO, Liliana. *A ameaça do outro: magia e religiosidade no Vale do Jequitinhonha (MG)*. São Paulo: Attar editorial, 2007. 262 p.

REYMOND-RIVIER, Berthe. *O desenvolvimento social da criança e do adolescente*. Lisboa: Editora Aster, 1977.

SANTILLI, Juliana. Conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade: elementos para a construção de um regime jurídico sui generis de proteção. In: *Anais do II Encontro Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade*. Indaiatuba, SP, 26 a 29 de maio de 2004.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Organização de Fernanda Trindade Luciani. São Paulo: Hedra, 2010.

TRIVIÑOS. Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VALENTE, Sidney Rodrigues. Caracterização Geral e Composição Florística do Cerrado. *In: GUIMARÃES, Lorena Dall'Ara; SILVA, Maria Aparecida Daniel da; ANACLETO, Teresa Cristina (org.). Natureza viva: Cerrado. Goiânia: Ed. da UCG, 2006.*

WALTER, Bruno Machado Teles. *Fitofisionomias do bioma cerrado: síntese terminológica e relações florísticas*. 2006. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília.